

Filosofia na música e na televisão: ensaio sobre o eterno retorno em *Cotidiano* e na *Grande Família*

Barbara Smolniakof¹

Resumo: Este ensaio busca relacionar a filosofia a dois movimentos da cultura popular: a música e a televisão. Mais precisamente, o conceito de eterno retorno da filosofia de Nietzsche é pensado em conjunto com o episódio 'Feitiço do Tédio' da série "A Grande Família" e com a música 'Cotidiano' de Chico Buarque. A intenção com isso é mostrar que temas da filosofia podem se apresentar em instâncias das mais várias dado o caráter universal dela. Para tanto, o ensaio se valerá da filosofia de Nietzsche e da ferramenta da interpretação para uma leitura filosófica desses dois movimentos supramencionados.

Palavras-chave: Música, Filosofia, Eterno retorno, Cotidiano, Cultura popular.

Abstract: This essay seeks to relate philosophy to two popular culture movements: music and television. More precisely, the concept of the eternal return of Nietzsche's philosophy is thought together with the episode 'Feitiço do Tédio' from the series "A Grande Família" and with the song 'Cotidiano' by Chico Buarque. The intention with this is to show that themes of philosophy can be present in the most varied instances given its universal character. For this purpose, the essay will use Nietzsche's philosophy and the interpretation tool for a philosophical reading of these two movements mentioned above

Wordkeys: Music, Philosophy, Eternal return, Everyday life, Pop culture.

¹ barbarasmolniakof@gmail.com, Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e mestrado em andamento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1. Considerações iniciais

Dada a pretensão de a filosofia se apresentar como universal na medida em que se preocupa com os problemas mais gerais da vida do ser humano e do mundo em que ele vive, é possível percebê-la em lugares e manifestações artísticas onde num primeiro momento não notaríamos sua presença. Por mais que esta não seja a intenção do artista, é possível notarmos conceitos e temas filosóficos nas artes em geral usando da interpretação como ferramenta para uma leitura filosófica dessas manifestações. É o que pretendemos fazer aqui: em conjunto com o episódio de uma série de televisão e a letra de uma música popular brasileira, apresentaremos o conceito de eterno retorno elaborado na filosofia de Friedrich Nietzsche. Nesse sentido, o que pretendemos aqui é apontar a presença de aspectos filosóficos que este conceito designa dentro dessas manifestações artísticas

O eterno retorno foi pensado por Nietzsche por volta de 1881, faz parte do chamado terceiro período de seu pensamento e propõe uma hipótese de tempo eterno² e circular ao invés de linear. Ou seja, ele não é composto por momentos pontuais de início, meio e fim. Esta hipótese é pensada em consonância com uma concepção de mundo como conjunto de forças que se manifestam e morrem em conjunto com este tempo eterno. Assim, o eterno retorno surge como o movimento destas forças se repetindo dada a eternidade do próprio tempo. Apesar de não haver um compromisso científico por parte de Nietzsche com essa hipótese, dado que ele não parecia preocupado em comprová-la, é possível pensá-lo como um guia para a ação. Trata-se, nesse sentido, de uma reflexão ética.

Ora, se tudo o que acontece se repete devido a eternidade do tempo e se nós, enquanto partes do mundo, somos também forças que se exercem nessa temporalidade, então o que realizamos há de se repetir também. Assim, precisamos pensar ao agir: “isso que estou fazendo, quero mesmo voltar a fazê-lo um número infinito de vezes?”

² Apesar de parecer controverso pensar numa temporalidade que é eterna dado que os significados destes dois termos se contrapõem (cf. *Dicionário Aurélio*, 2010, p.325 e 733 e ABBAGNANO, 2007, p. 379 onde é resgatada a definição aristotélica de eternidade como o que está fora do tempo), poderíamos aqui pensar que Nietzsche propõe uma temporalidade eterna justamente para se opor às correntes metafísica e cristã que pensam a temporalidade do mundo como algo menos digno ontologicamente que a eternidade divina ou do Ser que possibilita a existência do próprio mundo. Ao pensar por exemplo numa entidade que cria o mundo mas que ele mesmo não é criado (como Deus), a religião judaico-cristã está pensando num ser eterno elevando seu estatuto ontológico acima de um patamar em que o mundo está por ser uma mera criação que, portanto, é temporal e acaba. Nesse sentido, a intenção de Nietzsche seria conciliar estas duas dimensões que tradicionalmente se opõem (o eterno e o temporal) e eliminar mais esta dicotomia. Para mais especificações a respeito Cf. MECA, D. S. Nietzsche ou a eternidade do tempo. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n.33, p.181-196, 2013; também STAMBAUGH, J. *The Problem of Time in Nietzsche*. Translated by John F. Humphrey, Bucknell University Press. London and Toronto: Associated University Press, 1987, p.14-15.

“*A Grande Família*” é uma série de televisão muito popular originalmente criada em 1972 que foi reinterpretada em 2001. Foi uma série bem-humorada que deu bastante audiência e que aparentemente não retrata muito além da vida dos personagens. Ela apresenta o dia-a-dia de uma família do subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro composta pelos pais, Lineu, que trabalha na vigilância sanitária, e Nenê, mãe e dona de casa; os filhos Bebel, que é casada com Agostinho, e Tuco, que trabalha muito de vez em quando, e o pai de Nenê, seu Floriano, que dorme no sofá da sala de estar. Além deles, tem os vizinhos e amigos do bairro onde eles moram e com quem convivem, brigam e confraternizam.

A música ‘*Cotidiano*’ de Chico Buarque foi composta em 1970 e faz parte do Álbum “*Construção*” (1971), primeiro álbum escrito por Chico após sua volta do exílio na Itália devido à ditadura que acontecia no Brasil à época. Apesar de ser difícil de dizer exatamente o que o artista quis dizer com certa música ou outra obra de arte, nem por isso deixamos de interpretar as várias manifestações artísticas de diferentes formas. A interpretação mais corrente de ‘*Cotidiano*’ é feita de um ponto de vista histórico e localiza os acontecimentos da música dentro da ditadura militar, uma vez que ela foi escrita nesse contexto. Sendo assim, há quem defenda que Chico está descrevendo nesta música de maneira muito sutil a opressão exercida sobre os brasileiros se pensada em conjunto com outras músicas do mesmo álbum, como é o caso de ‘*Construção*’ e ‘*Deus lhe pague*’³.

Há por outro lado quem a entenda como um modo de descrever a mesmice do cotidiano de alguém que está em um relacionamento que vai se esgotando devido à repetição. Na primeira estrofe, por exemplo, os versos “Todo dia ela faz tudo sempre igual/ me sacode às seis horas da manhã/ me sorri um sorriso pontual” indica que estes são atos repetidos todo dia a ponto de se tornarem mecânicos. Além disso, é enfatizada também a submissão da mulher ao homem quando são descritas as ações da mulher. Elas parecem girar em torno da rotina do homem: acordá-lo, preparar seu café e almoço, esperá-lo para o jantar, etc, uma vez que a crença comum da época era a de que a mulher deveria cuidar da casa e do marido enquanto o homem saía para trabalhar. E na segunda estrofe, os versos “todo dia ela diz que é pr’eu me cuidar/ e essas coisas que diz toda mulher” também indicam a repetição da rotina, até na conversa, como se a mulher não estivesse de fato preocupada e dizendo para ele se cuidar mas fosse apenas algo que ela diz por hábito e que toda mulher diz.⁴

³ Cf. PEREIRA, M. S. “Página infeliz da nossa história”: Uma Leitura dos Álbuns *Construção* (1971) e *Sinal Fechado* (1974) de Chico Buarque. *Momento: revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. UNINCOR, v. 9, n. 1, jan./jun. 2018, p. 1-18.

⁴ Cf. LEMOS, S. F. *Chico Buarque: Relações de gênero e trabalho no Brasil (1970 a 1980)*, p.44-45.

Nossa intenção aqui é enfatizar esse aspecto do cotidiano presente na letra e relacioná-lo ao conceito de eterno retorno nietzschiano. Não estamos afirmando aqui que Chico Buarque tinha isso em mente ao compor esta canção, mas é possível fazer esta interpretação da letra na medida em que o eterno retorno e a música apresentam um tema em comum, que é a repetição e a consciência dessa repetição por parte do sujeito que a vive.

2. Cotidiano como eterno retorno

A ideia de eterno retorno de Nietzsche propõe uma concepção diferente do que entendemos por tempo. Geralmente, nossa concepção de temporalidade remete a uma instância linear composta por passado, presente e futuro, que começam, se seguem um do outro nessa ordem e terminam. Ora, Nietzsche identificou um problema com essa suposta linearidade que acreditamos caracterizar o tempo; pois, segundo ele, ela remete a criação inicial do tempo a uma entidade exterior a nós mesmos e a uma esfera transcendente da realidade, o que faz com que sejamos reféns dessa dinâmica e não possamos exercer nossa atividade mais característica que é a criação e a própria afirmação desta criação⁵.

Já com a proposta do eterno retorno, nós nos tornamos os responsáveis por aquilo que retorna e como a noção temporal desse pensamento é cíclica ao invés de linear, ela não teria um início e um fim tal como conhecemos. Dado que Nietzsche concebe o mundo e nós, como partes dele, enquanto forças que atuam e se realizam no mundo, enquanto tais forças nós também somos responsáveis pelo que retorna na medida em que ao realizarmos uma ação e, portanto, exercer força através dela, nós a condicionamos ao retorno de tudo que é realizado.

O eterno retorno de Nietzsche tem mais um caráter ético-existencial que propriamente científico ou ontológico. Pois o filósofo não estava preocupado em elaborar uma teoria a respeito de o que o tempo é e como ele de fato se desenvolve. Ao contrário, sua reflexão foca no modo como o homem agiria e reagiria frente à possibilidade de que retornaria várias vezes para a mesma vida que ele realizou ao exercer-se como força. Nesse sentido, seu caráter ético reside na reflexão sobre a própria ação humana e seu caráter existencial na afirmação desse retorno que traz de volta inúmeras vezes as próprias ações realizadas pelo homem.

⁵ Apenas os conceitos de criação e afirmação no pensamento nietzschiano já são extensos a ponto de merecerem um estudo a parte, nesse sentido não nos deteremos a eles aqui, pois não é nosso escopo e nem temos espaço para tanto. Mas a fim de mais esclarecimentos sobre recomendamos a conferência dos seguintes artigos: DIAS, R. A questão da criação para Nietzsche. *Viso: Cadernos de Estética aplicada*, v. III, n.7, 2009, p.1-12; SMOLNIAKOF, B. *Amor fati* como condição necessária para a afirmação do eterno retorno. *Polymatheia*, Fortaleza, v. 13, n. 23, p.145-155, 2020.

Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche nos lança uma pergunta sobre como reagiríamos frente à possibilidade de um demônio nos vir anunciar que tudo o que vivemos até agora e viveremos adiante retornará, seja importante ou não, queiramos ou não:

Se um dia ou uma noite, um demônio se espreitasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência [...] A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!” (NIETZSCHE GC IV §341).

Notemos o caráter condicional que inicia o aforismo: “*se* um dia ou uma noite”, isso reforça a noção de que o compromisso de Nietzsche não era tanto descritivo ou científico, mas antes provocativo e reflexivo: na hipótese de aparecer um demônio que dissesse que estamos condenados a retornar eternamente para a mesma vida que estamos vivendo, o que faríamos? Como reagiríamos? Ele ainda pergunta: “Você se prostraria no chão e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: ‘Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!’”⁶. Estas sugestões apontam que há duas possíveis reações a esta pergunta que faz com que nos deparemos com a repetição de nossa própria vida várias vezes sem nada diferente: ou nos alegraríamos a ponto de chamar este demônio de deus, como se ele nos tivesse trazido alguma benção ou algo do tipo, ou ficaríamos com raiva dele e nos jogaríamos chorando no chão por que esta possibilidade nos assusta.:

Ora, o modo como reagiríamos a essa provocação depende muito do próprio modo como vivemos nossa própria vida, pois o que está em jogo é o retorno dela da forma *como a vivemos*. Se vivemos de um modo tal que não gostaríamos que ela retornasse, ainda mais inúmeras vezes, então, diria Nietzsche, estamos vivendo errado. Pois o eterno retorno tem um caráter ético na medida em que ele nos coloca em posição de refletir sobre o modo como estamos vivendo e se estamos vivendo corretamente. Não que haja para Nietzsche um modo correto de viver que seja norma aplicável a todos. Então qual seria o critério que determina viver de maneira correta a vida? A sua própria afirmação. E ela ocorre, segundo Nietzsche, mediante este próprio exercício de refletir sobre a possibilidade de ela retornar.

Simplesmente ao pararmos e imaginarmos alguém dizendo ou nós mesmos constatando que viveremos a mesma vida inúmeras vezes sem nada de diferente, e pensarmos como nos sentiríamos frente a isso, qual seria nossa reação. A reação a isso é o critério que diz

⁶ NIETZSCHE GC IV §341.

se estamos ou não vivendo corretamente: se nos sentimos bem com esta possibilidade, então estamos bem com nossa própria vida, portanto, estamos vivendo corretamente.

Esta hipótese de que tudo retorna da mesma forma, sem absolutamente nada de diferente pode ser pensado em conjunto com o episódio “Feitiço do Tédio” do seriado ‘*A Grande Família*’. Nele, a mãe de família Nenê acorda no horário de sempre ao som de ‘*Cotidiano*’ de Chico Buarque, levanta da cama e vai preparar o café de sua família. Ela ensina sua filha Bebel a limpar a garrafa térmica antes de passar o café, prepara uma omelete para seu genro Agostinho, passa uma camisa que seu filho Tuco pede, ouve as reclamações que seu marido Lineu sempre faz e vai à feira. E assim é todo dia. A própria cena que descreve a vida de Nenê é uma representação dos primeiros versos da música de Chico: “*Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã*”. O conteúdo é diferente, mas são duas manifestações que descrevem o mesmo fenômeno: o *cotidiano*, isto é, aquilo que é comum, banal e que *se repete*.

O que acontece é que no primeiro dia, ela deveria fazer uma viagem com Lineu, mas se atrasa por conta das coisas que não pode deixar de fazer porque se sente na obrigação de fazê-las enquanto mãe, esposa e dona de casa: ela não pode viajar sem comprar mantimentos na feira, por exemplo, não pode deixar de passar o café ou evitar de atender o telefone. Tudo isso faz com que ela se atrase e perca o ônibus na rodoviária.

No dia seguinte, a mesma coisa acontece, na mesma ordem, sem tirar nem pôr: acordar, fazer café, fazer omelete, passar a camisa, ir à feira. Mas ela percebe que tem algo errado, pois quando acorda, Lineu está ao seu lado ao invés de em viagem. Além disso, quando ela vai fazer café percebe que está vivendo exatamente a mesma situação que viveu no dia anterior: seu filho pede que ela passe a mesma camisa, seu pai faz a mesma piada e Lineu reclama de novo de ela estar fazendo várias coisas ao invés de se preparar para a viagem deles.

Ela chega a perguntar para seu pai em que dia estavam e se surpreende quando ele diz: “Quinta-feira!”, ela nega: “Quinta-feira era ontem, o dia em que Lineu e eu íamos pra Governador Valadares e não conseguimos sair por causa da feira!”. Ela abre a porta e se depara com a feira montada em sua rua, novamente. E é aí que ela constata: “Eu estou presa no mesmo dia!”.

Não chega a ser uma reflexão a respeito de toda a existência, ainda, mas a ideia inicial é muito próxima à provocação de Nietzsche, pois trás a possibilidade do retorno, mesmo que de um único dia, de uma situação idêntica várias vezes. E a reação de Nenê, a princípio, é de susto; ela tenta convencer seu marido e seu pai de que tudo o que está acontecendo já aconteceu

no dia anterior, mas eles não dão ouvidos: “É que hoje não é hoje, hoje é ontem, o dia de ontem não passou, ele tá se repetindo hoje igualzinho a ontem”; o pai dela chega a perguntar: “Então nós já tivemos esse papo ontem?” e ela diz: “Não, porque ontem ainda não era anteontem”. Em seguida, ela corre para a rodoviária encontrar Lineu para viajarem, mas novamente ela perde o ônibus. E Agostinho tenta consolá-la: “Amanhã é um novo dia Dona Nenê!”, mas ela já começa a se desesperar.

Outro dia, o mesmo dia e ela começa a se irritar com o que está acontecendo, parte porque talvez não entenda, parte porque as coisas não estão acontecendo como ela gostaria. Até que a certa altura ela se conforma, ela acorda, joga o despertador fora e vai à rodoviária atrás de seu cunhado que estava lá porque levou Lineu. Ela diz que não vai viajar com ele, porque ele já deve ter cansado de esperar. Mas dessa vez, ela chega a tempo, Lineu a puxa pelo braço, mas ela não quer entrar no ônibus, pois já está cansada com a situação e diz que não vai adiantar de nada viajar, pois “amanhã eu vou acordar em casa e reviver o mesmo dia”.

É digno de nota que o comportamento de Nenê a esse ponto pode ser identificado como uma possível reação à hipótese do eterno retorno. Ela já entendeu o que está acontecendo, só não se sente bem com isso, deve estar cansada de reviver várias vezes o mesmo dia em que tem que fazer omelete para Agostinho, tudo dá errado e ela não consegue pegar o ônibus. E de repente, ela percebe que não é apenas o dia que está se repetindo, sua vida toda se tornou um cotidiano em que ela faz tudo sempre igual, tal como na música de Chico.

E se atentarmos para os elementos musicais e textuais dessa música, notaremos que a reação de Nenê é parecida com o estado de espírito que Chico quer passar ao seu ouvinte: de tédio. Sobretudo numa estrofe específica onde ele canta:

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão.

(BUARQUE, 1971, LADO A, faixa 2).

O ritmo da música é constante, são as mesmas notas que ele emprega em toda a música e as estrofes têm a mesma estrutura da supramencionada: com quatro versos cada uma. A ideia de uniformidade da música também contribui para essa ideia de tédio e cotidianidade, algo que acontece todo dia, do mesmo modo, no mesmo ritmo. Já quanto à letra, é possível notarmos que o eu-lírico está consciente do caráter repetitivo da vida, não só da dele, mas da mulher com quem mora, pois ele diz que “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Especificamente na estrofe acima ele descreve o que se passa pela cabeça: todo dia ele pensa em poder parar de fazer o que está fazendo, pois deve estar cansado do trabalho ou até mesmo da própria rotina. Ao meio-dia, geralmente horário de almoço, ele pensa em dizer “não”, talvez pensa em desistir de tudo, do

trabalho, da rotina, da mulher. Mas aí pensa “na vida pra levar” e simplesmente continua, para de pensar nisso, come seu almoço e volta a trabalhar. Ele já está imerso na cotidianidade que é sua vida e não tem forças ou alternativas para poder mudar e simplesmente continua no rumo que já segue: vai para a casa, onde a mulher o espera. E no outro dia a mesma coisa:

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã.
(BUARQUE, 1971, LADO A, faixa 2).

O interessante em pensar na música de Chico e no episódio em conjunto é que, além da repetição, o que está presente em ambos é o fato de que o protagonista, isto é, quem está vivendo, se dá conta de que a repetição acontece. No caso da Nenê, quando ela se depara com esse fenômeno da repetição ela se assusta, talvez porque nunca tenha notado antes esse caráter rotineiro da sua vida. Mas este susto inicial é o primeiro passo que ela dá para reconhecer que a sua vida toda, e não apenas aquele dia específico, foi um cotidiano.

Lineu tenta convencê-la a entrar no ônibus: “Amanhã nós vamos estar em Governador Valadares”. Mas ela já percebeu qual é o problema: “Não vai estar. E mesmo que estivesse não vai fazer diferença alguma Lineu. Há dez anos que a gente vai pra Governador Valadares (...) Viajar há dez anos pra Governador Valadares é rotina Lineu”. A esta altura Nenê percebe que sua vida como um todo se resumiu a um cotidiano e caiu no tédio. Ela se deparou com o eterno retorno, mesmo que um dia se passe logo após o outro e não retorne literalmente, ela faz tudo sempre igual a ponto de surgir o tédio e ela exclamar que “tudo é em vão”, atitude característica de alguém niilista⁷

“Visitar todo ano é chato, fazer café pro papai todo dia é chato, passar a parada do Tuco é chato, fazer omelete pro Agostinho é chato”, até complementa quando Agostinho diz que ela vai magoá-lo por não gostar de fazer sua omelete: “Não, não é você não, é *minha vida*. Eu gosto dela, mas *pensar na ideia de fazer a mesma coisa todo santo dia do mesmo jeito é de enlouquecer!*”. Note-se aqui que ela se depara com a hipótese do eterno retorno, isto é, fazer tudo da mesma forma, inúmeras vezes. E ela não parece gostar da ideia. Nenê está em meio a uma leve crise existencial: “Eu não sei, eu não sei o que eu quero fazer!”.

⁷ Em dado momento, o eterno retorno é designado por Nietzsche como a mais extrema forma de niilismo (Cf. FP verão de 1886 – outono de 1887, Caderno N VII 3, 5[71]), pois a depender do modo como o homem o interpreta, pode pensar que ele é apenas uma repetição vazia e sem sentido. O que faz com que o eterno retorno não seja apenas uma visão niilista sobre a vida é pensá-lo em conjunto com o *amor fati* e aprender a afirmar e querer essa repetição. Pensá-lo em consonância com o *amor fati* faz com que esse pensamento se torne a mais plena afirmação da existência.

Em seguida acontece mais uma reviravolta, quando ela percebe que se ela agir diferentemente e fizer as coisas de modo que queira que retorne, ou não se entedie, ela se sentirá melhor com sua própria vida. Quando perguntam para ela para onde ela quer ir, ela diz que quer ir para casa, para fazer uma omelete para Agostinho. E quando Lineu estranha, dado que ela estava reclamando que fazia isso todo santo dia, ela diz que quer experimentar fazer de um jeito diferente: “Eu quero fazer sem me sentir obrigada, eu quero ter prazer em fazer a omelete. O problema da minha vida não é ter que fazer todo dia as mesmas coisas, o problema é encontrar prazer nas coisas que eu faço”. No dia seguinte é simplesmente o dia seguinte, uma sexta-feira em que não se repete o que aconteceu na quinta-feira. Então quando Nenê percebe que quebrou o ciclo exclama aliviada: “Eu estou livre” e resolve viajar.

3. Considerações finais

Apesar de não haver a possibilidade de romper o fluxo do eterno retorno, mas apenas afirmá-lo ou não e sofrer com isso, a situação em que Nenê se encontra e com a qual se angustia é uma ilustração muito próxima do eterno retorno nietzschiano. Principalmente quando ela se dá conta da repetição e se dá conta de que parar para pensar em viver todo dia da mesma forma é uma ideia assustadora, “de enlouquecer”. Porquê? Porque o problema em afirmar o eterno retorno está em afirmar o seu conteúdo, que é a própria vida. A personagem reconhece que o problema é a vida e o modo como ela vem sendo vivida. Por isso, resolve experimentar vivê-la diferentemente, de modo que não se assuste mais com a possibilidade do retorno dela.

Assim, podemos dizer que Nenê dá um passo além do estágio em que se encontra o eu-lírico de ‘*Cotidiano*’, pois ele simplesmente se conforma com o modo como as coisas são e continua vivendo no eterno retorno que é seu próprio cotidiano; ele chega a percebê-lo, mas não tenta mudar sua reação frente a ele. Ao contrário, Nenê tenta viver de modo tal que queira que retorne aquilo que ela vive sem acabar se entediando com o próprio retorno. Se pensarmos desse modo, podemos dizer que o eterno retorno age como um princípio que nos esclarece fazendo-nos pensar na nossa própria existência e nos ajuda a agir de um modo que ela não nos apavore.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- BUARQUE, C. Cotidiano. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips. Albúm Construção, 1971.
- DIAS, R. A questão da criação para Nietzsche. *Viso: Cadernos de Estética aplicada*, v. III, n.7, 2009, p.1-12.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. – 8.ed. – Curitiba: Positivo, 2010.
- LE MOS, S. F. Chico Buarque: Relações de gênero e trabalho no Brasil (1970 a 1980). Monografia (Graduação em História) – Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- MECA, D. S. Nietzsche ou a eternidade do tempo. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n.33, p.181-196, 2013.
- NIETZSCHE, F.W. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F.W. *Fragments Posthumes. Volumen IV (1885-1889)*. Edición realizada bajo los auspícios de la Sociedad Española de Estudios sobre Nietzsche (SEDEN). Traducción, introducción y notas de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. 2º Edición. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- O álbum da Grande Família: Feitiço do Tédio. T2 E11, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5KUu87VaS9U> Acesso em: 02/03/2021.
- PEREIRA, M. S. “Página infeliz da nossa história”: Uma Leitura dos Álbuns *Construção* (1971) e *Sinal Fechado* (1974) de Chico Buarque. *Momento: revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. UNINCOR, v. 9, n. 1, jan./jun. 2018, p. 1-18.
- SMOLNIAKOF, B. *Amor fati* como condição necessária para a afirmação do eterno retorno. *Polymatheia*, Fortaleza, v. 13, n. 23, p.145-155, 2020.
- STAMBAUGH, J. *The Problem of Time in Nietzsche*. Translated by John F. Humphrey, Bucknell University Press. London and Toronto: Associated University Press, 1987.